

## **O DISPOSITIVO DA MATERNIDADE NA MÍDIA**

GT 16 Educação e Comunicação

Fabiana de Amorim Marcello

Neste trabalho, proponho-me a investigar de que maneira se constrói uma rede discursiva que instaura um campo de racionalidade sobre uma determinada forma de exercer a maternidade. Baseada em conceitos do filósofo Michel Foucault, busco objetivar de forma esta rede é tecida e operacionalizada na mídia a partir de narrativas midiáticas que constroem sentidos através das histórias de algumas mães “famosas” (e que, portanto, compõem, tramam sentidos específicos sobre o que é ou deveria ser a maternidade), constituindo-se como um *dispositivo*.

Esta pesquisa insere-se diretamente no campo educacional na medida em observamos a produção de teorias pedagógicas baseadas na psicologia evolutiva (que buscam promover a formação de uma criança autônoma, independente, responsável, cognitivamente competente, portanto, “bem educada”) que enfatizam a importância da participação da mãe para o “desenvolvimento” destas crianças. Baseadas em uma descrição do que consideram como “natural” (por exemplo, a sincronia entre mãe e filho), algumas destas teorias pedagógicas manifestam que a tarefa das mães está relacionada com uma forma de educação “indireta e de diligência no que se refere à criação de circunstâncias (emocionais e físicas) que estimulem a aprendizagem de seus filhos e a aquisição de certas características” (Woollett e Phoenix, 1999, p. 89). Ao mesmo tempo, este discurso é apreendido pelas instituições escolares de forma a considerar que as mães constituem-se, muitas vezes, como “origem dos problemas evolutivos” (idem, p. 87) do infantil,

conduzindo, assim, a uma fácil culpabilização da mãe, no caso de a evolução de seu filho não se ajustar àqueles níveis referidos por estas teorias.

Aliada a estas considerações, defendo a importância de discutir e problematizar tais questões nos estudos que articulam as áreas da Educação e da Comunicação através do entendimento de que o próprio conceito de “educação” é ampliado, uma vez que os processos educacionais e formativos estão sendo exercidos também em outros espaços da cultura como, por exemplo, através da mídia.

Nos trabalhos que vem desenvolvendo nos últimos anos, Fischer aponta para o caráter nitidamente pedagógico que a televisão vem assumindo. A autora afirma que a mídia não apenas pode ser encarada como meio veiculador de informações, mas também como “produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos” (Fischer, 2000, p. 61). Neste sentido, observo que, em torno da noção da maternidade, da produção de um certo “ideal” de maternidade, uma série de práticas discursivas são acionadas, produzidas e reforçadas pela mídia, permitindo, com isso, serem (re)significadas na medida em que operam em direção à constituição dos sujeitos.

A questão que motivou este trabalho está alicerçada nessas constatações e pressupostos: ou seja, o “problema” pode ser localizado na medida em que consideramos o que tais práticas discursivas efetivamente produzem (ou deixam de produzir), as formas com que elas orientam, nomeiam, valorizam, julgam, evocam, reforçam, (des)qualificam, hierarquizam, convencionam, enunciam, visibilizam, objetivam, excluem, incluem os sujeitos-mães, no interior de um dispositivo que é operacionalizado através dos meios de comunicação, de forma a promover formas de governo e subjetividade feminino-materna claras e específicas.

Assim, neste trabalho busco, primeiramente, explicitar o conceito

de dispositivo, apresentando os elementos que o compõem e articulando teórico e metodologicamente à questão da maternidade. Em seguida, efetuo um trabalho analítico de uma determinada narrativa materna (no caso, em torno da figura de Xuxa) de modo a considerar as formas pelas quais a mídia não apenas produz sentidos sobre os sujeitos (embora, isso não seja pouco) mas constitui formas específicas de ser sujeito mãe-mulher.

### **A concepção de um dispositivo**

Como ferramenta analítica, o conceito “dispositivo” é desenvolvido por Foucault em sua obra “História da Sexualidade”, em especial no volume I, “A vontade se saber”. Porém, é na entrevista que presta à *International Psychoanalytical Association* (IPA), que Foucault explicita, o que denomina por este conceito:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Por mais que nos pareça clara esta definição e por mais que saibamos das formas com as quais Foucault empregou o termo “dispositivo”, é válido lembrar a complexidade e a amplitude que este conceito envolve quando operacionalizado – como já constatado por Dreyfus e Rabinow (1995). Frente a isso, tais autores propõem uma certa “orientação” para a leitura da conceituação de Foucault (acima

referida), ou seja, partindo “destes componentes díspares, tentamos estabelecer um conjunto de relações flexíveis, reunindo-as num único aparelho, de modo a isolar um problema específico” (Dreyfus e Rabinow, 1995, p. 134). Desta maneira, é na articulação mesma entre os elementos que o autor nos apresenta em sua afirmação e os demais conceitos trabalhados por ele em sua obra que poderemos, então, nos “apropriar” ainda mais do termo “dispositivo”. Ou seja, já que Foucault se refere tão explicitamente a elementos tais como discursos, organizações arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, etc., podemos entender que as práticas discursivas e não-discursivas contribuem para a construção do dispositivo; e, tendo estas presentes, é possível afirmar que o nosso conceito analítico reúne as instâncias do “poder e [do] saber numa grade específica de análise”. Por fim, podemos sugerir, ainda, que o dispositivo são “as práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando” (idem, p. 135).

Tal como Rosa Fischer (1996), não me coloco agora “diante de um tema a ser trabalhado teoricamente segundo tal ou qual linha de estudos, para depois submetê-los, no momento de análise empírica, a uma certa metodologia” (p. 41). Para este trabalho, a proposta será de cartografar estes múltiplos terrenos que compõem um dispositivo, mapear os caminhos que, muitas vezes, o levam a outras (e novas) direções e objetivar as operações e estratégias do dispositivo da maternidade – tarefa esta comprometida teórico e metodologicamente. A seguir, faço a descrição dos elementos que compõem o dispositivo<sup>1</sup>, ou melhor, o “itinerário” desta pesquisa que estou propondo, lembrando, então, que estes elementos correspondem às categorias de análise deste trabalho:

**1. Curvas de visibilidade** – São as curvas que fazem “ver” o sujeito

---

1 A discussão que faço das linhas, curvas e regimes como elementos que compõem o dispositivo, procede dos trabalhos de Deleuze (1999) e Corazza (2000).

“mãe”; que tendo a maternidade como ponto imaginário necessário ao dispositivo da maternidade<sup>2</sup>, permitem o nascimento deste sujeito, permitem que ele ganhe formas, cores e texturas. São curvas fixadas pelo próprio dispositivo que as sustentam – não como se ela (a maternidade) fosse uma característica natural e *a priori* das mulheres, mas como se agisse tal como uma fonte de luz (semelhante a uma vela, em sua condição de luz frágil e predisposta a qualquer momento ser apagada) que ilumina, que se difunde, que dá visibilidade e faz com que se produza, enfim, o sujeito mãe em toda sua positividade. Enfim, é uma luz que incide sobre este sujeito mãe, cuja existência não poderia manifestar-se sem ser iluminada por ela. Ou seja, não se trata aqui da configuração, seja de um indivíduo pré-existente, seja de uma “realidade” pré-discursiva, mas de um sistema aberto, constituído por um jogo de forças criado e operacionalizado por tais linhas, em conjunto e em paralelo com as que se seguem.

**2. Regime de enunciação** – Por regime de enunciação, não designamos meramente aquilo que se fala sobre as mães; mas aquilo que *se torna possível e justificável* falar sobre elas. São, sim, as múltiplas e proliferantes enunciações que efetivamente encontram condições de entrar na *ordem do discurso*; ou ainda, da possibilidade que elas enfrentam de ultrapassar ou mesmo serem barradas pelas leis de interdição que tangem e definem os limites do discurso. É um regime intimamente ligado com a vontade de verdade que governa nossa sociedade. É a partir deste regime que se descobre, se desvenda a maternidade para o/do sujeito mãe.

**3. Linhas de força da maternidade** – As linhas de força atuam como “flechas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras” (Deleuze, 1999, p. 156). Estas linhas, portanto, retificam as anteriores, delineiam suas formas, delimitam seus trajetos, traçando os caminhos pelos quais

---

<sup>2</sup> Tal como o “sexo” para o dispositivo da sexualidade (Foucault, 1999, p. 145) e a “infância” para o dispositivo da infantilidade (Corazza, 2000).

as linhas de visibilidade e enunciação irão percorrer (e de que maneira poderão manifestar sua existência). As linhas de força estão intimamente relacionadas com a dimensão do poder e, por isso, atingem todos espaços do dispositivo; naquilo que o poder tem de “onipresente” – não no sentido de agrupar tudo em uma (equivocada) unidade – mas em sua característica primeira de se produzir a cada momento, a partir da complexa e estratégica relação entre todos os pontos de um dispositivo (Foucault, 1999). Estas linhas se compõem, tal como o poder, em relação ao saber: não como causa e consequência, mas através de uma relação de mútua dependência, de articulação recíproca. São linhas que fixam os jogos de poder e as configurações de saber que nascem do dispositivo, mas que também o condicionam, ou seja, estabelecem estratégicas relações de força, sustentando tipos de saber ao mesmo tempo que sendo sustentadas por ele (Foucault, 2000). Na medida em que agregam instâncias de saber e de poder, estas linhas são aquelas que mais nos “dirão” sobre a criação e a produção a disposição estratégica de práticas discursivas no dispositivo da maternidade.

**4. Linhas de subjetivação** – Linhas, curvas, criação de tangentes e limites... Há que se perguntar se estas afirmações não pressupõem a construção de um sistema rígido, fechado. Figuraria, então, o dispositivo um sistema deste gênero? O que permite ao sujeito, aos discursos a possibilidade de criação de espaços onde seja possível a transgressão, a subversão ou, como diria Deleuze (1999, p. 156) o “passar para o outro lado”? Para Foucault, os modos de subjetivação envolvem necessariamente a produção de efeitos sobre si mesmo – que, por sua vez, não são meras atuações passivas do sujeito; pelo contrário, os processos de subjetivação indicam também possibilidades, (des)caminhos, fugas e subversão do próprio sujeito. Não se aponta aqui para a idéia de um sujeito livre, autônomo e soberano criador de suas condições de existência, mas para a condição de escapar dos

poderes e saberes de um dispositivo, para talvez um outro. Assim, podemos dizer que as linhas de subjetivação indicam também as linhas de fratura, de descontinuidade, de ruptura do próprio dispositivo, da sua possibilidade de consecutividade, de contínua elaboração e superação (Deleuze, 1999).

**5. Linhas de fratura, de ruptura** – São linhas (tais como as demais) prioritariamente históricas, uma vez que “todo dispositivo se define por sua condição de novidade e criatividade” (Deleuze, 1999, p. 159), por sua capacidade de transformar-se, de romper seus próprios limites. Esta sua capacidade de transformação e rompimento está intimamente ligada aos desenhos traçados pelas linhas de subjetivação na medida em que articuladas com/como pontos de resistência imanentes a todo e qualquer dispositivo – uma vez que configurado (também) a partir de relações de poder-saber. Nesta condição, são linhas que produzem novas configurações de saber-poder-subjetividade, e por isso podem suscitar e antecipar um dispositivo futuro. Trata-se de práticas que indicam um conjunto de características ligadas ao caráter de imprevisibilidade do próprio dispositivo e, por que não dizer, naquilo que tange seu caráter de “acontecimento”. As linhas de fratura, de fissura ilustram muito bem esta afirmação em sua condição de introduzir o “acaso, [a] contingência, [a] novidade, [a] diferença, [a] vontade de jogo e experimentação com formas de pensamento e sociabilidade” (Ortega, 2000, p. 35).

**6. Traçados de gênero** – Mesmo que Foucault não tenha trabalhado explicitamente com as questões ligadas à produção de sujeitos “mulheres”, faço desta temática objeto de atenção em meu trabalho. Para tanto, proponho mais um elemento para compor este dispositivo da maternidade: os traçados de gênero. Estes elementos foram criados aqui para melhor perceber as “tensões” deste dispositivo da maternidade, enfatizando o caráter político da construção do lugar social das mulheres em especial (Louro, 1997). Por serem traçados que

se constituem de forma “relacional” – portanto, apontando para as *relações* entre os sexos e a forma com que elas estão dispostas dentro deste dispositivo – poderão dar a conhecer certos aspectos das definições de uma normatividade materna. Do mesmo modo, estes (novos) elementos deste dispositivo não partem da premissa de que as distinções efetivadas entre homens (pais) e mulheres (mães) se dêem como resultado de um determinismo biológico – já que não considera o sujeito-mãe como uma “essência”, mas como fruto de uma construção cultural, social e histórica, sempre parcial, precária e plural. Tais traçados estão intimamente articulados com os regimes de força deste dispositivo, uma vez que as noções de maternidade e paternidade não são instituídas apenas através de mecanismos de repressão ou de opressão, mas são também edificadas, produzidas a partir de gestos, modos de ser e agir, formas de falar e de estar no mundo e, igualmente, na maneira de manifestar estas ou aquelas posturas. Acredito serem estes traçados centrais neste dispositivo da maternidade, uma vez que marcam, muitas vezes, os caminhos que as linhas, curvas e regimes anteriores irão percorrer.

A partir destas constatações entre linhas, regimes, curvas e traçados, pretendo evidenciar e caracterizar as formas pelas quais este dispositivo é operacionalizado e “posto” a funcionar na mídia para: a) a constituição de uma complexa rede de significações criadas e/ou operacionalizadas a partir de certas narrativas maternas, bem como da circulação de produtos (revistas, jornais, programas) que insistem em “ensinar” as mães a serem e exercerem o papel de “mães de um determinado modo” – rede, esta, que institui, faz circular e reforça certos saberes e “verdades” a respeito da prática da maternidade; b) a instauração de relações de poder (bem como de pontos de resistências) a partir, não só da relação desigual entre os procedimentos da maternidade e da paternidade, mas também de sua articulação com os saberes e “verdades” produzidos pelos discursos (que invariavelmente

instauram modos específicos e “aceitos” de ser mãe) e; c) a criação de certas *posições-de-sujeito* (as quais somos convidados a ocupar), as quais são preponderantemente *direcionadas* ao constante apelo e veiculação de procedimentos voltados para a relação dos indivíduos consigo mesmos, estabelecendo, com isso, modos de subjetivação feminina precisos.

### **O espetáculo do nascimento (da filha ou da mãe?): a análise**

A intenção de trabalhar com estas histórias de mães famosas – no caso, a partir de um conjunto de textos que descrevem fatos de suas vidas em relação a seus filhos –, relaciona-se com a possibilidade de analisar e objetivar as lógicas que organizam e revelam enunciados de um certo discurso sobre maternidade. Na propósito de eleger fatos, cenários, pessoas e situações bastante específicas e encadeá-los em uma história, as narrativas constroem não apenas sentidos (embora isso não seja pouco), mas também inscrevem força e valor a eles, qualificando-os, desmerecendo-os, tornando-os importantes ou não. Elas baseiam-se nas histórias de mães para, de fato, promover suas “experiências”, no sentido dado por Foucault, como uma “correlação, (...), entre campo de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (Foucault, 1998, p. 10). Creio que, como forma cultural de organizar sentidos, estas narrativas, menos do que falarem sobre determinada pessoa ou de um acontecimento qualquer, produzem, reforçam, fazem circular, instituem, enfraquecem discursos sobre a maternidade, tornando-se assim uma ação efetivamente política.

Realizo, agora, uma breve análise de um conjunto de materiais

que falam sobre a figura de Xuxa<sup>3</sup>. Assim, procuro não só identificar de que maneira uma destas narrativas é e está construída discursivamente. Nesta análise, pretendo pontuar quatro discussões que parecem centrais na construção deste dispositivo da maternidade: a) as formas de visibilidade e enunciação do ser mãe; b) a afinidade quase “genética” entre as características de mãe e filha; c) as relações entre maternidade, sensualidade e erotismo e; d) os papéis desempenhados pela mãe e pelo pai na criação/educação/relação com a filha.

É impossível não lembrar do dia em que a filha de Xuxa nasceu. É impossível não lembrar daqueles dez minutos ocupados no Jornal Nacional (horário nobre da televisão) dedicados a divulgar ao Brasil o nascimento da “pequena princesa” que nascia, filha da “Rainha” dos baixinhos, Xuxa. Pela tela da Rede Globo, milhões de telespectadores acompanhavam um vídeo com imagens do bebê e descobriam que “às 8h34 naquele dia, Sasha tomou seu primeiro banho; às 8h46, teve suas unhas cortadas; às 8h50 ganhou no dedo do meio da mão esquerda um anel de ouro; às 8h53, espirrou”<sup>4</sup>.

Nesta mesma reportagem do Jornal Nacional, recorro do gesto de Xuxa (antes do parto e já no hospital) de pedir aos cinegrafistas que, por alguns minutos, a “deixassem só”, pois gostaria de refletir sobre aquele momento tão especial e desejado em sua vida. Ironicamente, estes momentos também foram acompanhados por milhares de telespectadores. As imagens, obtidas com uma certa distância,

---

3 Para esta nota, utilizo reportagens das Revistas *Veja* e *Caras*, ambas publicadas pela Editora Abril. A escolha deve-se a dois motivos, principalmente: primeiro por serem revistas de ampla circulação nacional e o outro por serem as duas “melhores” publicações em seus gêneros: a *Veja* em caráter informativo e a *Caras* por mostrar a “intimidade” de artistas e pessoas “famosas”. Da mesma forma, opto por analisar as reportagens que referem-se à Xuxa, por ser uma das figuras mais conhecidas no país e por ser uma das mães mais “famosas” e mostradas atualmente.

4 Faço a opção de trazer, neste ensaio de análise, as referências em forma de nota de rodapé, pois percebi que isso facilita a leitura do texto. Aqui, a citação refere-se à matéria O NOSSO Michael Jackson. In: **Veja**, ed. 1558, 5 de agosto de 1998, p. 115.

mostravam Xuxa no quarto do bebê, sozinha, de cabeça baixa, com as mãos entrelaçadas em sinal de reza. Estas imagens, posteriormente seriam aquelas que melhor ilustrariam as relações que hoje compõem a narrativa da relação da apresentadora com sua filha, Sasha: as fronteiras entre público e privado eram rompidas naquele gesto de, paradoxalmente “ficar só” e ser mostrada, acompanhada por milhões de pessoas; a apresentadora firmava-se “excêntrica” ao ocupar um andar inteiro do hospital, mas “normal” ao pedir para ficar sozinha por alguns instantes, como a mais singela das criaturas; sozinha, à espera do companheiro (Luciano Szafir, pai da criança, não havia chegado ainda ao hospital).

Xuxa comunicou sua gravidez em dezembro de 1997, mas os meses, ou mesmo os anos anteriores foram dedicados a promover uma “campanha” para “comover” e “preparar” o público para uma posição bastante distinta que, em breve, ela viria a ocupar: a de mãe. Novas roupas e acessórios “compunham” “esta” Xuxa, agora, trajada de “mãe”: as mini-saias, os “tos” foram “aposentados” e, em troca, a apresentadora passava a vestir-se com calças, saias longas, camisas, num estilo mais “sóbrio”. Da mesma forma, as constantes aparições em público serviram de mote para que a “Rainha dos Baixinhos” comunicasse a seus fãs o desejo que, agora, tornava-se “necessário” em sua vida, para sua felicidade: Xuxa queria ser mãe. Em um evento de moda em 1996, depois de desfilarem na passarela, a “Rainha dos Baixinhos” informa aos repórteres: “ano que vem, vou estar aqui com a minha filhinha”<sup>5</sup>; da mesma forma, ela costumava trazer para seus programas amigas que estavam grávidas, tal como a ex-paquita, Letícia Spiller. Aproveitando o momento em que Letícia expunha a barriga de cinco meses, Xuxa exclama “é a grávida mais bonita que eu já vi. Logo, logo quero estar assim”<sup>6</sup>. A mídia fazia seu “papel”, informando que a

---

5 O SONHO na passarela. In: **Veja**, ed. 1443, 8 de maio de 1996, p. 108.

6 COM TODO carinho da tia. In: **Veja**, ed. 1451, 3 de julho de 1997, p. 89.

apresentadora “já constat[ava] a marca inexorável do tempo e ter[ia] de correr atrás do prejuízo para não ficar para tia” (idem). Vale lembrar que estes dois eventos ocorreram um ano antes de Xuxa comunicar que estava grávida.

As formas de narrar os períodos que Xuxa passou antes de engravidar nos indicam também momentos comoventes e até mesmo infelizes: “Xuxa há anos vinha reclamando da solidão que experimentava fora dos palcos, longe da horda dos fãs. Dizia que lhe faltava (...) um filho”<sup>7</sup>, ou, ainda, quando ela mesma narra: “[No Natal] minha avó, minha irmã e minha sobrinha, estavam em uma roda, cantando. Fiquei olhando de longe e não pude deixar de pensar: ‘será que um dia viverei um momento assim, me colocando nessa roda com meu filho ou com minha filha?’ Afinal, aconteceu”<sup>8</sup>. São momentos profundamente carregados de um tom emocional que mostram a mais prosaica “realidade” dos famosos: a de ricos, porém infelizes.

As linhas de visibilidade e curvas de enunciação do ser mãe, evidenciadas pela figura de Xuxa, são assim traçadas de forma a descrever um passado triste, monótono, quase “vazio”; e, justamente no ato de reescrever certos momentos deste passado, as narrativas constroem os momentos de rupturas, de discontinuidades, fazendo do presente um “local” mais seguro, o triunfo último de equilíbrio. Assim, não se trata apenas de comunicar a gravidez de uma personagem, mas tornar visíveis e enunciáveis os motivos pelos quais ela foi levada a engravidar: o sentimento de solidão, de “falta”, a idade já avançada, etc.

Da mesma forma, a maternidade ganhava (e ganha) sentidos e contornos através das múltiplas enunciações que a caracterizam e a determinam como uma função feminina. Ao narrar o modo como Xuxa

7 O MAIS NOVO Xou da Xuxa, In: **Veja**, ed. 1526, 17 de dezembro de 1997, p. 106.

8 O NOVO *look* de Xuxa. In: **Caras**, ed. 341, 19 de maio de 2000. A Revista Caras não é paginada. Por este motivo, nas referências que faço a ela no texto, apresentarei apenas o título, a edição e o ano de publicação da matéria em questão.

descobriu que estava grávida, a Revista Veja relata: “Xuxa fez o teste [de farmácia] dentro de seu ônibus-camarim e esperou o resultado cercada de assistentes. Foram três minutos de ansiedade, até que saiu o resultado positivo. Ela chorou, riu, depois permaneceu calada. Por fim, exclamou: “Caramba, vou ser mãe!”<sup>9</sup>. Esta “parada”, este silêncio que interrompe uma atitude de euforia, depositam um peso, uma “força” à frase “Caramba, vou ser mãe!”. Semelhante ao momento do parto, em que o médico bate na bundinha de um bebê e sentencia-o como menino ou menina, a palavra “caramba” é investida de um contexto simbólico que classifica e reforça enunciados de responsabilidade e zelo que constituem um discurso sobre a maternidade.

Xuxa também passava (e passa) a demonstrar uma certa cumplicidade com outras mães, afinal, parecem que agora fazem parte de um mesmo “mundo”. Em um de seus programas, Xuxa pede à Vanderléia que fale “sobre o episódio trágico de sua vida – a perda de um filho de dois anos, que morreu afogado na piscina na casa da cantora. Vanderléia, é claro, chorou. Xuxa, mãe de uma criança da mesma idade, chorou junto”<sup>10</sup>. Em outro programa, veiculado no Dia das Mães de 2001, quando entrevistava as mães das crianças que haviam sido queimadas no incêndio de seu cenário, Xuxa perguntava sobre os sentimentos daquelas mulheres ao verem suas filhas no hospital, em estado grave. As mães choravam, de cabeça baixa. Xuxa pedia perdão, pegava nas mãos daquelas mães e dizia que sabia exatamente o que estavam sentindo – afinal, também era mãe. A música triste ao fundo e as luzes que, aos poucos, eram sendo apagadas certamente constituíam-se como fortes elementos da composição desta cena enunciativa. De um lado, cabe promover nestas mães uma “volta sobre si mesmas”, de expor estes sujeitos e de fazê-los confessar publicamente a dor, a tristeza, daquilo que se elegeu e se nomeou como

---

9 O MAIS NOVO Xou da Xuxa, In: **Veja**, ed. 1526, 17 de dezembro de 1997, p. 111.

10 MARLENE Mattos S/A. In: **Veja** 1670, 11 de outubro de 2000, p. 92.

a maior tragédia de suas vidas. De outro, a apresentadora, também mãe, se culpabiliza, pune-se e pede perdão (também publicamente) e acaba por tornar-se a personagem central naquele espaço; faz daquele espetáculo veículo de sua integridade, responsabilidade e maternidade.

Neste sentido, as enunciações que Xuxa promove sobre seu amor infinito de mãe são profundamente esclarecedoras: “Minha mãe vive falando que *só quando se tem um filho se entende o que é saber dar sem receber nada em troca*. Não é que a gente se anule, mas *esse amor preenche tudo, não precisa de mais nada*. Se eu conseguir ser metade de tudo o que ela é, vou alcançar todo o *equilíbrio e a sabedoria* que preciso para cuidar da Sasha”<sup>11</sup>; “a maternidade mudou a minha vida. Hoje sou muito mais feliz. *Se as mães amarem mais seus filhos, poderemos fazer um mundo bem melhor*”<sup>12</sup>; “e, quanto a mim... Me tornei uma pessoa *melhor* depois que Sasha nasceu”<sup>13</sup>; “não entendo *como consegui viver* antes de ter a Sasha”<sup>14</sup>; “*me divirto ainda mais* quando vejo minha filha alegre”<sup>15</sup>. Acredito que a partir destes pressupostos e enunciações individuais, uma cadeia de equivalência vai sendo construída em torno dos significados acerca da maternidade. Não que os significados *per se* constituam tal cadeia, mas pelo fato de eles estarem imersos, diluídos e devidamente articulados a um contexto maior que cotidianamente comprova a “boa” maternidade de Xuxa; significados, estes, que, no espaço midiático e pronunciados pela apresentadora, adquirem um estatuto de “verdade”, constituem-se efetivamente como “saberes” acerca da maternidade. Ao mesmo tempo, tais enunciações tornam-se totalizadoras, na medida em que ilustram e são tomadas como parte de uma “mesma” maternidade. Aqui, universal e particular articulam-se dentro dos discursos, de forma a evidenciar diferentes significações em torno de uma determinada representação

11 O NOVO *look* de Xuxa. In: **Caras**, ed. 341, 19 de maio de 2000.

12 SASHA INVADE palco e faz surpresa à mamãe Xuxa. In: **Caras**, ed. 392, 11 de maio de 2001.

13 SHOW de Sasha em Angra. In: **Caras**, ed. 330, 3 de março de 2000.

14 Idem.

15 Ibidem. Em todas as citações, os grifos são meus.

materna que torna-se, então, “desejável”; uma representação que só pode ser pensada e articulada na medida em que colocada em discurso e, poderíamos dizer, é vista no âmbito de um dispositivo. Acrescento que, como *momentos* de uma prática articulatória, estas enunciações constituem como os primeiros “elos” de uma cadeia de equivalência.

Obviamente que Xuxa não é origem ou personagem criadora destas enunciações. Sua figura funciona como sujeito efetivamente “assujeitado” e produzido pelo dispositivo que ela mesma põe em funcionamento. Por um lado, Xuxa funciona como uma “autoridade” enunciativa de certas “verdades” sobre a maternidade. Mas, por outro, não podemos afirmar que as mães, como sujeitos deste discurso, são governadas pelas falas da apresentadora, mas, sim, pelas relações de poder e de saber que são instituídas por estas narrativas (e não só por elas), na medida em que imersas no contexto de um dispositivo. Assim, a maternidade passa a ser relacionada a sentidos múltiplos, que indicam e produzem modos de ser mãe específicos e que ultrapassam a mera atitude de gerar uma criança; e, quando acionados a outros semelhantes enunciados sobre a maternidade, acabam por normatizar determinadas práticas maternas, elegendo-as, efetivamente, como “normais”.

Mas, parece que a palavra “normal” (ou o fato de ser “normal”) também é presente tanto nos artigos que falam sobre a “Rainha dos Baixinhos”, como nos atos eleitos pelas revistas como os mais importantes. Em uma pequena nota, a Revista Veja relata de que forma a “Casa Rosa” – refúgio imaculado da apresentadora – havia mostrado “rasgos de normalidade”<sup>16</sup>: “desde que chegou lá (...), a herdeira Sasha chora sem parar, de cólicas. A reação de Xuxa, mãe de primeira viagem, é chorar junto, de desespero”<sup>17</sup>. Ou, ainda, quando Sasha vai à escola: “Xuxa, como toda a mãe, levou a filha e ficou lá – tudo *normalíssimo*”<sup>18</sup>.

16 CHORA daqui, chora de lá. In: **Veja**, 1566, 30 de setembro de 1998, p. 121.

17 Idem

18 E A UNIVERSIDADE, já escolheu? In: **Veja**, ed. 1661, 9 de agosto de 200, p. 115. Grifo meu.

Na Revista Caras, a foto da capa mostra a menina caminhando à frente de Xuxa que, vestida com trajes da mesma tonalidade da filha (ambas de branco e cor-de-rosa), caminha com a cabeça baixa, óculos escuros e com a mochila da criança nas mãos. No artigo, no “corpo” da matéria, mostram-se fotos de Xuxa sentada de pernas cruzadas, roendo as unhas, com ar de ansiedade enquanto observava, de longe, Sasha brincar. Estas imagens, quando devidamente acompanhadas da estrutura textual, ilustram uma mãe que parece sofrer no período de adaptação de sua filha na nova escola; ilustram também uma certa tristeza por uma separação que agora se iniciará. Aqui, Xuxa, ocupa uma posição-de-sujeito bastante específica, endereça-se a seu público como uma pessoa “normal” ou, ainda, como todas as outras mães. O modo de interpelar os sujeitos constrói-se em torno da proposição de que Xuxa é “gente como a gente”: uma pessoa que sofre, se entristece, fica ansiosa. Mãe preocupada, zelosa e cuidadosa, Xuxa escolhe aquela escola, dentre as nove que visitou acompanhada da filha. Por um lado, a criança tem o poder de escolha, uma vez que a apresentadora afirma que queria sentir o “*feeling* de Sasha”<sup>19</sup>, por outro, a “preocupação pedagógica da mãe”<sup>20</sup> é evidenciada quando afirma-se que a escola foi escolhida principalmente por trabalhar com base no construtivismo de Piaget.

Outro tema que ganha visibilidade nestas narrativas refere-se às relações de cumplicidade entre mãe e filha. Ainda neste episódio do primeiro dia de aula da menina, observando a desenvoltura de Sasha a avó materna afirma: “Xuxa foi líder de sua turma na escola. Vejo que Sasha demonstra o mesmo perfil”<sup>21</sup>. Da mesma forma, em um evento de moda, Sasha desfila com os “modelitos” da grife de sua mãe. A Revista Caras, na capa, anuncia: “Sasha estréia como modelo e mostra o

---

19 A NOTA dez de Sasha em comportamento. In: **Caras**, ed. 353, 11 de agosto de 2000.

20 E A UNIVERSIDADE, já escolheu? In: **Veja**, ed. 1661, 9 de agosto de 200, p. 115.

21 A NOTA dez de Sasha em comportamento. In: **Caras**, ed. 353, 11 de agosto de 2000.

mesmo charme da mãe”<sup>22</sup>. Xuxa expõe o que sentiu naquele momento: “Quando entrei no camarim, caí no choro. Comecei minha carreira como modelo e me orgulho muito disso. Aí, chega a minha filha e dá um show... Foi um carinho no meu coração” (idem). A menina, de dois anos, já mostrava-se uma “verdadeira” artista: “ela é extrovertida e em casa costuma desfilas e brincar com o microfone” (ibidem). O fato é que certos atributos são escolhidos pelos adultos (e pela mídia) e neles são impingidas características quase “genéticas” entre mãe e filha (e de quanto isso deve ser motivo de orgulho para uma mãe). Por um lado, discursos midiáticos, principalmente aqueles que aparecem durante os períodos do vestibular, enfatizam os perigos de os pais “influenciarem” nas escolhas profissionais dos filhos. Mas, aqui, nesta relação, a cena ganha um tom de brincadeira; um tom até mesmo de afeto e comoção: a filha é “igual” à mãe!

É válido lembrar que este desfile serviu também como “vitrine” para que Xuxa mostrasse “os resultados de sua [então] recente lipoescultura”<sup>23</sup>. Inaugurando uma nova fase – que combina maternidade e sensualidade – Xuxa recupera e mostra um corpo mais sensual. A revista *Caras*<sup>24</sup> traz uma foto da “Rainha” de biquini na capa, acompanhada da manchete “a nova Xuxa”. Estes discursos, associados a inúmeros outros, que promovem um “imperativo da beleza feminina” (Fischer, 1996, p. 207), elegem e enfatizam atributos e características “essenciais” à mulher – como a sensualidade – que não podem ser descuidados “mesmo” quando ela é mãe.

Em um dispositivo, muitas vezes, as enunciações podem ser contraditórias, podem entrar em tensão dependendo dos fins que desejam alcançar. por outro, evidencia-se as deformidades causadas pela gravidez: “Xuxa viveu linda, malhada e feliz até nascer a filha,

---

22 A ESTRÉIA *fashion* de Sasha nos passos de Xuxa. In: **Caras**, ed. 351, 28 de julho de 2000.

23 Idem.

24 O NOVO *look* de Xuxa. In: **Caras**, ed. 341, 19 de maio de 2000.

Sasha”<sup>25</sup>. Por exemplo, em uma reportagem sobre o leite materno, a Revista *Veja* afirma que inspiradas no “corpaço” de beldades como Xuxa e Luiza Brunet – “que apareceram lindíssimas ao lado de seus recém-nascidos”<sup>26</sup> –, muitas mulheres exageram na ginástica e fazem dietas à base de “folhinhas de alface”. ‘Mãe desnutrida tem leite de pior qualidade, alerta o médico Carlos Eduardo Czeresnia, do Hospital Albert Einstein, de São Paulo” (idem). Ou seja, para promover uma determinada estética corporal da mulher (magra, “em forma”, esbelta), a mídia se vale das “deformações” provocadas pela gravidez para ressaltar a importância com o corpo. Porém, a mídia também se vale de informações opostas daquelas que anteriormente afirmara, para alertar sobre a necessidade de manter uma boa qualidade do leite materno. Desta forma, as linhas de força deste dispositivo traçam pontos de resistência específicos neste espaço entre o afirmar e o negar a beleza estética da maternidade. Bonito e feio misturam-se, de alguma forma entram em choque e promovem novas “verdades” sobre a maternidade. É como se dissessem “a maternidade deixa você linda, mas, há algumas coisas que você tem mesmo que mudar”.

Vejamos um outro exemplo. Xuxa orgulhosamente afirma em uma entrevista que “a maternidade preenche tudo, não se precisa de mais nada”, conforme já referido. Contraditoriamente, nos últimos tempos, a apresentadora tem recorrido à mídia para expor seu desejo de encontrar, “não mais um príncipe encantado, mas um companheiro”<sup>27</sup>. Sim, ela é mulher e, como tal “precisa” ser mãe, bela e ter um homem ao seu lado! Nossa sociedade parece “hierarquizar” as formas de vivenciar e de ser mulher. Atribui-se um valor maior a uma mulher que tenha filhos (pois esta, sim, é “completa”), do que a uma outra que não tenha. E, se uma mulher não tem filhos, nem mesmo um companheiro, parece receber um valor ainda menor (prefiro nem ressaltar o fato de

25 SUCESSO faz milagre. In: **Veja**, ed. 1585, 17 de fevereiro de 1999, p. 80.

26 O CORPO de antes. In: **Veja**, ed. 1623, 10 de novembro de 1999, p. 212.

27 XUXA DIVERTE-SE na Ilha de Caras. In: **Caras**, ed. 434, 2 de março de 2002.

ela, “ainda por cima”, ser “feia” ). Xuxa parece colocar em funcionamento estas regras que também fazem parte do dispositivo da maternidade. Busca afirmar-se como uma mãe “normal” (cuidadosa, zelosa), como uma mulher bela, sensual e, claro, à procura de um parceiro.

O ator Luciano Szafir, “pai da filha de Xuxa”<sup>28</sup>, parece ter ocupado este papel temporariamente – pelo menos na época em Xuxa engravidou. A mídia afirmava a escolha de Xuxa de ser “mãe-solteira” mas, ironicamente, Luciano era chamado de “maridão”<sup>29</sup> da “Rainha”. Da mesma forma, a mesma revista buscava evidenciar a relação “estranha” que os dois mantinham, enfatizando que, ali, não se constituía uma relação amorosa, afinal, “ao referir-se ao rapaz, a apresentadora não mostra aquele ar de bobo que caracteriza os apaixonados. Em público, Xuxa jamais conjuga o verbo ‘amar’ em relação ao companheiro e prefere apontar as diferenças entre os dois, em vez de enfatizar os pontos em comum”<sup>30</sup>. As linhas que enunciam a responsabilidade de Xuxa parecem também julgá-la por não estar escolhendo um “pai” para sua filha que ela (Xuxa) realmente ame. Além da constituição prioritariamente heterossexual que se promove acerca da figura materna, são descritos modos específicos e “desejáveis” de relacionamento.

Nas reportagens que o mostram junto à filha, Luciano invariavelmente está em eventos ou espaços de lazer: parques, mini-zoológicos, aniversários, etc. Como característico da figura paterna, neste dispositivo da maternidade, o pai assume a figura de coadjuvante, mas ao mesmo tempo, extremamente agradável e feliz com a filha. “Pai e filha deram muitas gargalhadas, enquanto corriam atrás dos porquinhos na fazenda”<sup>31</sup>. Já em uma situação semelhante, porém

28 ELE É liiiiindo! In: **Veja**, ed. 1543, 22 de abril de 1998, p. 56.

29 O MAIS NOVO Xou da Xuxa, In: **Veja**, ed. 1526, 17 de dezembro de 1997, p. 108 e 109.

30 Idem, p. 109.

31 SASHA PASSEIA com o pai. In: **Caras**, ed. 360, 29 de setembro de 2000.

acompanhada pela mãe, a relação é diferente: “Sob o olhar atento de Xuxa, Sasha se diverte”<sup>32</sup>. Das mais de quarenta reportagens que coletei sobre Xuxa, as únicas imagens que mostram a menina sorrindo intensamente são aquelas em que aparece ao lado de Luciano Szafir. A figura do pai é permeada de momentos de descontração, de alegria intensa; já para a figura da mãe, é enfatizado o “olhar atento”, os cuidados até mesmo quando relacionados a uma brincadeira. Estas características mostram algumas das diferenças marcadas e postas a operar nas narrativas midiáticas a partir de um dispositivo que assinala o caráter diferenciado nas relações entre maternidade e paternidade.

Enfim, na figura de Xuxa, um conjunto de valores e regras de ação é estabelecido e instituído em relação à posição de mãe. Constrói-se e põe-se a operar um “código moral” materno (ela própria, Xuxa, como exemplo e figura do “bom-mocismo”). Mas, como já referi anteriormente, não é Xuxa quem cria e impõe tais regras e valores; ela também é sujeito de um discurso maior que, quando articulado a outros (como médicos, psicológicos, religiosos) definem e concebem uma “moral” aos comportamentos maternos, de maneira geral. Por estarem articulados dentro de um dispositivo, estes discursos (aliados a relações de poder e saber que o colocam em funcionamento) estão dispostos de maneira difusa e não-sistemática, mas sempre prontos a promover formas específicas e claras de subjetivação feminina.

#### **Referências Bibliográficas**

- CORAZZA, Sandra Mara. **A história da infância sem fim**. Ijuí (RS): Ed. Unijuí: 2000.
- DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne, DREYFUS e Hubert; DELEUZE, Gilles et al. **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1999, p. 155 – 163.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 1995.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de**

---

32 A SINTONIA de Xuxa e Sasha no Rio. In: **Caras**, ed. 356, 1 de setembro de 2000.

subjetividade. Porto Alegre (RS): PPGEDU/UFRGS, tese de doutorado, 1996, cópia digitada.

\_\_\_\_\_. **Televisão e Educação**: pensar e fruir a TV. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. Sobre a História da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 2000, p. 243 – 27.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro (RJ): Vozes, 1997.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro (RJ): 2000.

WOOLLETT, Anne; PHOENIX, Ann. La maternidad como pedagogía: la psicología evolutiva y los relatos de madres de niños pequeños. In: LUKE, Carmen (comp.). **Feminismo e pedagogías en la vida cotidiana**. Madrid: Morata, 1999, p. 87 – 105.

### **Reportagens e matérias de revistas utilizadas:**

A ESTRÉIA *fashion* de Sasha nos passos de Xuxa. In: **Caras**, ed. 351, 28 de julho de 2000.

A MARCA da morte nos cigarros. In: **Veja**, ed. 1435, janeiro de 2002, p. 76.

A NOTA dez de Sasha em comportamento. In: **Caras**, ed. 353, 11 de agosto de 2000.

A SINTONIA de Xuxa e Sasha no Rio. In: **Caras**, ed. 356, 1 de setembro de 2000.

CHORA daqui, chora de lá. In: **Veja**, 1566, 30 de setembro de 1998, p. 121.

- COM TODO carinho da tia. In: **Veja**, ed. 1451, 3 de julho de 1997, p. 98.
- E A UNIVERSIDADE, já escolheu? In: **Veja**, ed. 1661, 9 de agosto de 2000, p. 115.
- ELE É liiiiindo! In: **Veja**, ed. 1543, 22 de abril de 1998, p. 56 – 57.
- MARLENE Mattos S/A. In: **Veja** 1670, 11 de outubro de 2000, p. 88 – 92.
- O CORPO de antes. In: **Veja**, ed. 1623, 10 de novembro de 1999, p. 212.
- O MAIS NOVO Xou da Xuxa, In: **Veja**, ed. 1526, 17 de dezembro de 1997, p. 106 – 112.
- O NOSSO Michael Jackson. In: **Veja**, ed. 1558, 5 de agosto de 1998, p. 114 – 116.
- O NOVO *look* de Xuxa. In: **Caras**, ed. 341, 19 de maio de 2000.
- O SONHO na passarela. In: **Veja**, ed. 1443, 8 de maio de 1996, p. 108.
- SASHA PASSEIA com o pai. In: **Caras**, ed. 360, 29 de setembro de 2000.
- SASHA INVADE palco e faz surpresa à mamãe Xuxa. In: **Caras**, ed. 392, 11 de maio de 2001.
- SHOW de Sasha em Angra. In: **Caras**, ed. 330, 3 de março.
- SUCESSO faz milagre. In: **Veja**, ed. 1585, 17 de fevereiro de 1999, p. 76 – 83.
- VALE quanto pesa. In: **Veja**, ed. 1572, 30 de setembro de 1998, p. 46 – 48.
- XUXA DIVERTE-SE na Ilha de Caras. In: **Caras**, ed. 434, 2 de março de 2002.
- XUXA e Sasha: cenas de amor e carinho. In: **Caras**, ed. 341, 19 de maio de 2000.